A CRIANÇA PEQUENA NO ESPAÇO MUSEAL: EXPERIÊNCIAS NO MMGV.

Larissa Maria Santos Altemar/ UFMG/MMGV
laltemar@hotmail.com
Lauren Soledad Rial Araújo/ MMGV
laurenrial@gmail.com

Resumo: O presente artigo aborda a relação entre a criança pequena e o espaço museal, compreendendo-a como um possível encontro com a cidade, com um espaço *outro,* um espaço potente para ser criança.

A análise parte da experiência de mediação, no Memorial Minas Gerais Vale (MMGV), com crianças das Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte (UMEIs) em diálogo com reflexões da cultura da infância, a partir de William Corsaro e Manuel Sarmento. O texto busca margear a presença das crianças no museu, por um olhar fenomenológico, inspirado por leituras de Merleau-Ponty. Considerar as especificidades da presença da criança exige um reposicionamento por parte dos educadores que as recebem, do próprio equipamento de cultura e das entidades que possibilitam sua vinda ao museu. Por isso o texto permeia questões que pontuam_a cidade como espaço de educação, com suas singularidades, e nesse sentido tensiona a ocupação do espaço museal pela criança, através de algumas perguntas: Museu é lugar de criança? Como um museu, sendo parte da cidade, e portanto direito da criança, pode se preparar para recebê-la? De que maneira é/pode ser uma visita mediada *com* crianças? Quais concepções estão atreladas à forma de receber a criança no espaço museal? Como a cultura da infância é compreendida na mediação, no planejamento, na execução e na avaliação da vinda das crianças ao espaço? De que forma o museu se prepara para acolher as crianças e seus familiares fora das visitas escolares? Estas e outras questões são norteadoras para pensar a acolhida das crianças no museu no sentido de respeitar sua cultura e seus modos de expressão.

Consideramos, assim como os Estudos da Infância, que a criança não vive outro mundo, diferente ao do adulto, mas o percebe de outra maneira. Diante disso, o educador museal precisa estar afinado com essa percepção e propiciar que a criança também se torne mediadora, na medida em que sua proposta é acolhida durante a visita ao museu.

A propósito da participação da criança, e do seu protagonismo no contexto da visita, ressaltamos neste artigo algumas reflexões que o educativo do MMGV vem fazendo na direção de ouvi-la, passando pelo exercício da escuta aberta do adulto, no sentido de positivar sua fala, assim como nos esclarece Marina Marcondes Machado. A busca por efetivar essa escuta nos levou a pesquisar, na prática, a escolha e uso de materiais expressivos, considerando que a materialidade cria unidade com o espaço e com o corpo no contato com os conhecimentos desse museu, compreendendo, também, a sensorialidade como conteúdo em si.

Centralizamos a condução da visita por meio de narrativas, com pitadas de teatralidades, que permeiam o diálogo com os espaços cenográficos presentes no museu e também com espaços ficcionais através da imaginação.

Percebemos, nesse sentido, a potência do uso de diferentes linguagens para guiar o encontro das crianças com as memórias de Minas Gerais.

Para evidenciar nossa pesquisa/prática traremos relatos de experiências positivas e percalços que fomos vivenciando na busca por um olhar, e experiência sensível com crianças pequenas no MMGV.

A descrição e análise das vivências nos auxiliam a perceber e demonstrar os patamares alcançados, dos quais ressaltamos a organização da visita: preparo prévio, mediação e avaliação - e também possibilita-nos evidenciar os pontos de fragilidade os quais

pretendemos superar brevemente, como a melhor acolhida de crianças menores de 3 anos no contexto da visita mediada. São as experiências com as crianças pequenas e seu pertencimento no MMGV que nos ajudam a lapidar seu acolhimento e também a refletir sobre a recepção de bebês. Temos percebido que a chave do encontro está na positivação da ação da criança, e para que isso aconteça a prática precisa estar conjugada com os estudos recentes sobre infância e a reflexão conjunta precisa ser cotidiana.

Palavras- chave: Criança, Espaço museal, Cultura da Infância.

O objetivo desse artigo é discutir as possíveis relações entre a criança pequena e o espaço museal. Em diálogo com estudos da criança e da infância, descreveremos e analisaremos as visitas mediadas com crianças pequenas no Memorial Minas Gerais Vale (MMGV). Que espaço é esse? Como ele tem recebido crianças? Quais as metodologias usadas nas visitas mediadas e em suas análises? Buscaremos refletir sobre essas e outras questões ao longo do texto partindo de 3 pontos de análise: (1) o encontro com o museu como um encontro com a cidade, (2) um espaço potente para ser criança e (3) uma vivência estética.

Tantas são as discussões que abordam a relação criança e cidade (AITIKEN, 2014; FUSARI, 2002; MÜLLER e NUNES, 2014; SANTOS, 2005) e em torno disso caminhamos em duas direções: podemos ver o projeto *Educando a Cidade para Educar* (2013) da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH) como uma iniciativa macro e as concepções e ações do educativo do MMGV como ações micro.

Sobre isso Viviane Trindade (2017), professora formadora da rede municipal de Belo Horizonte, revela que, mais do que ter equipamentos de cultura preparados para acolher o cidadão é preciso que haja uma colaboração entre órgãos administrativos, espaços de cultura e sociedade para que assumam a responsabilidade de educar e se organizem de forma a aproximar os diferentes grupos, dando condições para sua ida e recepção.

A Gerência de Coordenação da Educação Infantil vinculada à SMED/BH criou então o projeto *Educando a Cidade para Educar* que tem como principal objetivo garantir a ocupação dos espaços culturais do município pelas crianças de 0 a 5 anos, suas famílias e professores (FREITAS; TRINDADE, 2013). Deste projeto ressaltamos a iniciativa que se direciona às crianças.

O projeto, em 2013, trouxe a demanda de incluir o público infantil nas visitas mediadas do MMGV e fomos convidados a nos reorganizarmos. Estabelecemos a parceria, para garantir horários e dias próprios para receber crianças da educação infantil, com agendamento feito pela SMED, certificando também o compromisso da prefeitura em disponibilizar o transporte.

Paralelamente a esse projeto, o educativo do MMGV já buscava refletir e tensionar a visita mediada com a criança pequena. Criamos um grupo de estudos nomeado Infâncias - que se reúne, periodicamente para debater textos sobre a temática e planejar as ações e visitas. Também realizamos ações aos finais de semana que, de forma lúdica, propõem o envolvimento de diferentes públicos com os espaços expositivos. Há também o projeto *Eu, Criança, no Museu* que garante na agenda eventos voltados para o público infantil.

Temos ciência de que a vinda ao museu com a escola tem refletido no retorno da criança com os familiares, sendo ela muitas vezes a propositora do passeio. A visita agendada com a escola é o passo inicial para que a criança se sinta pertencente ao espaço e volte não apenas no papel de aluno, mas na ação de sujeito cultural.

Notamos que as reflexões da sociologia da infância também se apresentam nas discussões na área museal no que se refere à acessibilidade de diferentes grupos como forma de fazer valer a cidadania. Como um espaço educativo que se movimenta na direção de questões atuais e entende "a criança como cidadã que vive o mesmo mundo do adulto, mas o compreende de outra maneira" (MACHADO, 2010) como um museu, sendo parte da cidade, e portanto direito da criança, pode se preparar para recebê-la?

Longe de considerarmos que existe uma forma ou modelo a ser seguido, apresentaremos nossa organização das visitas mediadas, que tem nos ajudado a acolher os grupos de crianças pequenas. Entendemos que é preciso ter a escuta aberta para aquele grupo que vem ao nosso encontro e a partir de suas falas, verbais e corporais dar concretude às narrativas propostas pelos educadores ou mesmo repensá-las.

A MEDIAÇÃO COM CRIANÇAS PEQUENAS_

Para refletirmos sobre a mediação com crianças pequenas, precisamos evidenciar: as especificidades do espaço, que em si é componente artístico pedagógico (OSTETTO, 2008) e a forma como organizamos a visita, desde o planejamento até a execução.

O MMGV, criado e mantido pela Vale em 2010, integra o Circuito Cultural Praça da Liberdade em Belo Horizonte. O acervo é composto por cenários expositivos permanentes sobre temas diversos relacionados a Minas Gerais que os visitantes experienciam com interatividade. Como "o espaço é um elemento constitutivo do pensamento e, portanto, converte-se em ação pedagógica indireta a qual requer atenção"(OSTETTO, 2008, p.62), os educadores estão atentos aos ditos e não ditos desse museu.

Tratando do público infantil, a partir de 2014 começamos a receber crianças pequenas de 3 a 5 anos provenientes das UMEIs, com isso, os educadores assumiram uma nova postura

com este público. Na medida em que essa presença tornou-se constante e que os estudos aprofundaram-se em diálogo com a prática, os objetivos deste atendimento se consolidaram.

As crianças trazem em seus gestos e movimentos um convite a repensar os diálogos - seria o museu um lugar de faz de conta?

> " (...) Criamos a personagem Florinda e o Dr. Leopoldo que havia trabalhado na construção do prédio. Em seu diálogo falavam sobre como aproveitar o espaço e cuidar dele ao mesmo tempo. Essa narrativa surgiu na preocupação dos educadores de passar as regras sobre o que pode e não pode fazer no museu de forma menos enrijecida. (...) Essa primeira visita fez com que o prédio literalmente parasse. Vários funcionários, de outros setores, estavam curiosos para ver como aconteceria aquela visita no MMGV.(...) Hoje a presença das crianças no espaço é algo tão comum que conseguimos perceber nitidamente as mudanças". (Relato Santuza Bagno - Consultora pedagógica, 2017)

A presença de crianças em museus cresce na medida em que eles assumem seu papel educativo. Historicamente o museu passou de um espaço de coleção, observação e apresentação de determinada cultura para ser um local de diálogo e reflexão entre passado e presente. Paralelo a isso houve o movimento de repensar espaços de educação (SANTOS, 2005), o que foi, e é, uma mudança progressiva.

Dessa forma, "estimula-se a construção de experiências significativas, o que implica a formação da equipe de educadores para que privilegiem a exploração do espaço" em diálogo com o visitante "promovendo momentos de contemplação, mas também processos comunicativos, instigando a participação e o estabelecimento de conexões pessoais, além de trocas de impressões entre os membros de um grupo" (BERNARDI, 2014, p.7) tensionando visões naturalizadas ou pré estabelecidas.

A compreensão e estudo da cultura da infância (CORSARO, 1992; SARMENTO, 2004) é algo basilar para preparar o espaço e os educadores para receber crianças e tornar possível o diálogo entre adulto-criança-espaço-memória. Então, como através da análise de experiências compreendemos a cultura da infância nessas visitas?

Marina Machado (2010) traz uma reflexão que vai ao encontro do que acontece na visita mediada:

> Será preciso um grau de desorganização da atividade da brincadeira (desorganização do ponto de vista do professor acostumado a planejar muito bem suas aulas) de modo que, a partir da multiplicidade de materiais oferecidos, as crianças expressem desejos e escolhas." (MACHADO, 2010, p.93).

Somos convidados a perceber, no dito caos, a expressão e a potencialidade do diálogo da criança com aquele espaço cenográfico e a nos colocarmos dispostos para ouvir e perceber o que se mostra pulsante na visita. Ou seja, podemos *desplanejar* na medida das necessidades. Mas como?

A visita acontece em três momentos: acolhimento, percurso, encerramento e para isso fazemos um planejamento. Neste momento, ao receberem as informações básicas sobre a escola, os educadores reúnem-se para pensar numa narrativa que crie uma visita cíclica e que será proposta no acolhimento. A partir disso serão definidas as salas visitadas e os materiais que serão utilizados na mediação.

As possibilidades de narrativas são muitas e surgem a partir das pesquisas feitas pelos educadores no grupo de estudos de Infância. Um tema específico, e que representa um campo de desafio, é *Africanerê*[1], cujo objetivo é abordar a cultura afro-brasileira com as crianças pequenas em parceria com o projeto Território Negro da SMED[2] .

Por se tratar de um tema tão importante e urgente, envolvendo concepções enraizadas, na maioria das vezes mais por parte dos adultos do que das próprias crianças, consideramos desafiante. É um terreno que precisa ser adentrado e com recursos lúdicos é possível abordar com as crianças, o que reflete em uma formação/troca para/com os professores.

Então, com base na temática *Africanerê*, por exemplo, os educadores podem criar narrativas:

> "O conceito/fio condutor da visita foi a descoberta e a entrada em um local mágico para contar e escutar histórias. Para isso, levamos as crianças para a praça, em frente ao prédio e propusemos a entrada como em um livro de histórias, onde eles seriam as personagens que a construíram. Com a ideia de que a história se passaria em um lugar muito distante (a África) as crianças receberam o poder de se transformarem em "Erês". Eram 21 alunos. Colocamos tecidos coloridos dentro de uma caixa, enrolados, separados em três cores que correspondiam ao grupo que cada um ficaria. Esses tecidos ficaram enrolados, e seriam as "sementes" de uma árvore que elas plantariam, o Baobá. Já dentro do museu, com cada criança portando sua semente fomos para o plantio. Eram os tecidos de Angola, envolvendo o tecido marrom. Cada uma das turmas, separadas por cores depositaram suas sementes e foram se juntando ao educador/educadora que as acompanharia na visita." (Relato: Leopoldo, Gabriela e Gustavo, 28/09/2016)

Depois deste momento, cada grupo seguiu o percurso das salas construído no planejamento. As estratégias de mediação para cada sala visitada são definidas pelo educador com seu grupo dando continuidade à narrativa do acolhimento mas com a abertura necessária para possíveis mudanças; os componentes lúdicos e imaginativos estão presentes durante todo o percurso.

---

[1] O eixo temático *Africanerê*, que na cultura iorubá significa brincadeira e divertimento, atende exclusivamente a primeira infância e surgiu como um desdobramento dos eixos I*nfância e Memória* e *Africanidades e Memória* construídos pelo educativo do MMGV.

[2] O percurso Território Negro tem a finalidade de aproximar o diálogo entre as escolas e os museus de BH e assim possibilitar aos estudantes da rede municipal a apropriação de conhecimentos acerca das culturas africana e afro-brasileira por meio da de visitas aos museus da cidade.

Na leitura do *Caderno de Registro*, no qual os educadores assinalam pontos relevantes da visita, percebemos três concepções que dão desdobramentos para a mediação: (1) uma possibilidade de viagem, seja em lugares ou no tempo, (2) instauração de estado de jogo em uma busca ou descoberta de algo e (3) um lugar mágico que conta histórias que precisam ser descobertas e preenchidas. Nessas três concepções as crianças são convidadas a serem e dialogarem com os personagens que contam a história desse lugar, o que também consideramos como uma dimensão do protagonismo infantil.

Após a visita os educadores e a consultora se reúnem para avaliar a experiência. Como parte da avaliação, são feitos os registros das visitas onde cada responsável pelo relato tem liberdade tanto na forma/esquema como no que escolhe ressaltar. Além do registro escrito temos o registro falado, uma conversa informal onde ressaltamos as relações das crianças com o enredo e as salas. Essas duas formas guardar nossas memórias, apontam em direção a fenomenologia:

> (...) o olhar fenomenológico é o forte incentivo à manutenção, especialmente pelo professor, de diários de registro, cadernos de campo ou diários de bordo: incentivo a uma prática que procura, em ação e pensamento, um educador conhecedor da criança viva, concreta, em oposição a criança das teorias e abstrações generalizantes. (MACHADO, 2010, p.81)

Seria a partir das reflexões sobre a presença das crianças e das infâncias que adentram o MMGV que compreendemos o museu como um espaço potente para ser criança. A brincadeira e o faz de conta é o elo que ordena o contato delas com outras culturas, conjugando imaginação e realidade visto que, como nos traz Sarmento (2004), não nos cabe quando se trata de criança pequena buscar dicotomizar realidade e fantasia. É nesse limiar que estão contidas as experiências de ver, ouvir e viver o mundo. Nesse sentido a cultura e a história africana, como exemplificamos, podem ser apresentadas através de músicas, histórias e símbolos. Por ora, temos visto como um bom caminho a junção da fantasia do real (SARMENTO, 2004) à materialidade expressiva.

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

> A cada batida de meus cílios, uma cortina se baixa e se levanta, sem que eu pense, no momento, em imputar esse eclipse às próprias coisas; a cada movimento de meus olhos varrendo o espaço diante de mim, as coisas sofrem breve torção, que também atribuo a mim mesmo (...) (MERLEAU- PONTY, 2014, p. 19)

A presença das crianças no MMGV nos mostra que é necessário criar estratégias para tocar sem tocar. Com auxílio de espelhos, lupas e binóculos alcançamos outras sensorialidades que margeiam a vontade do toque e possibilita, de maneira simbólica, a transgressão da regra. Pois, também é possível aprender com as mãos, mas o museu tendo suas limitações ligadas ao "poder tocar" nos desafia a pensar outra dimensão do toque.

Numa leitura fenomenológica, merleau-pontiana, Marina Machado (2010) convida o educador a "(...) emprenhar-se na sua criancidade, o que significa, trabalhar um modo de ser da criança em si mesmo, no seu modo adulto, para poder ler a multiplicidade de expressões e de coisas acontecendo ao mesmo tempo" (p.87), isso reflete não só na ação com crianças, mas nas possibilidades de mediação com todas as idades.

> O faz de conta proporcionou uma ótima experiência para as crianças, que ao se depararem com o Baobá no lugar de tecidos, saíram correndo em direção a árvore para abraçá-la e gritaram: "Nasceu! (Relato Leopoldo, Gabriela e Gustavo, 28/09/2016)

Esse relato dos educadores traz elementos para pensarmos a materialidade em diálogo com o espaço como uma forma de experiência estética. A criação de narrativas como as que trouxemos anteriormente, traz o contato com a cultura africana, e ao mesmo tempo possibilita a criança fazer conexões com os materiais estruturados e não estruturados escolhidos para a vivência. Na relação com a materialidade, o corpo torna-se narrativa e a história se constrói além das palavras. Damos elementos que compõem nossos objetivos e criamos pontos de abertura, considerando que "limite e espaço são palavras chave para o surgimento de novidade e surpresa nos campos existenciais infantis (...)" (MACHADO, 2010, p.96).

São três os tempos que ora se diluem, ora sobressaem: o tempo real, o tempo da narrativa e o tempo da criança. O tempo do relógio, da visita de uma hora, o tempo da narrativa, se é que tem uma cronologia determinada e o tempo de estar em cada sub-proposta. Todas as temporalidades se direcionam à escuta para perceber quando algo se esgota.

A sensorialidade nesse momento se torna central, "representa uma abertura constante para o mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós" (OSTROWER, 1986, p.12). O apreender sensível nos conecta com as vivências do cotidiano, que nada mais é do que parte do universo,

> (...) é verdade que o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo" (p.16). " (...) só através do mundo posso sair de mim mesmo. Então é mesmo verdade que os " mundos privados" se comunicam entre si, que cada um deles se dá a seu titular como variante de um mundo comum. (MERLEAU- PONTY, 2014, p.23)

As pitadas de narrativa, a teatralização dos encontros e a criação de personagens e espaços ficcionais tornam-se formas de envolver as crianças pequenas nas visitas mas também desafiam os educadores a estar com os corpos disponíveis para outras formas de ensinar. Hoje, depois de quase 3 anos, começamos a explorar salas que a princípio não nos pareciam tão convidativas e assim afirmamos a cada visita o direito da criança ao espaço e ao conhecimento.

Mas e os bebês? Percebemos que a cada dia aumenta o número de famílias que trazem seus bebês para usufruírem do MMGV, não só na programação cultural mas também nas

visitas espontâneas. Tivemos uma experiência piloto e percebemos questões relacionadas muito mais ao planejamento do educador do que propriamente à ocupação do espaço pelo bebê e sua família.

> Pois haveria nos bebês, uma capacidade, ainda que pré- reflexiva, de "decifrar" acontecimentos e pessoas do mundo compartilhado, experiência de trocas entre bebês e adultos, revelando seus modos de intersubjetividade: Outra maneira merleau-pontiana para definir inteligência. (MACHADO, 2010, p. 19)

Os museus também são lugar para os bebês, quando abrem caminhos para o engatinhar e para o ato de colecionar, com as mãos, pés e bocas as memórias do MMGV.

> Para Martins, Picosque e Guerra (1998), mediar implica estimular as possibilidades de fruição no sujeito como um todo: não apenas provocar o olhar cognitivo, mas também promover experiências que possibilitem brechas para os sentidos, as sensações e os sentimentos, despertando sua imaginação e percepção. (CARVALHO, LOPES, 2016, p. 926)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, a partir das experiências de mediação com crianças pequenas no MMGV e de estudos sobre a infância e a criança, formas delas ocuparem espaços da cidade. Entendemos que, para que o direito da criança de acessar espaços públicos se efetive, é preciso que equipamentos de cultura e órgãos administrativos colaborem entre si, não somente no preparo dos locais para receber as crianças mas, possibilitando que elas cheguem a esses espaços.

Somos convidados todos os dias a nos atentarmos para as falas e gestos que nascem do contato com as salas do MMGV e das crianças umas com as outras. Evidenciando a cultura da infância e tornando-se porta vozes de sua comunidade, bairro e experiência escolar. Compreendemos que o olhar fenomenológico pode ser um grande aliado na manutenção do olhar sensível sobre as ações das crianças e dos bebês, “ Museu é uma coisa onde a gente vai e não pode falar tem que ficar em silêncio”- disse a menina de Serra Verde, uma fala recorrente que ao ser ouvida temos a oportunidade de modificar. No museu pode falar sim, brincar e imaginar - as crianças no seu modo de olhar para o mundo nos mostram experiências estéticas do viver.

> (...) A criança, assim como seus pais, colegas ou educadores, faz parte da história da humanidade e, como tal, também escreve e se inscreve na história coletiva. Ela vive a realidade, transforma-a e é por ela transformada. Para tal, é necessário que possa trocar, dialogar, questionar aquilo que vê.” (LEITE, 2005, p. 51)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITIKEN, Stuart. Do apagamento à revolução: o direito da criança à cidadania-direito á cidade. **Educação & Sociedade**, 128, 2014.

ARAUJO, Lauren; ALTEMAR, Larissa; FALEIRO, Mabel. Museu lugar de criança: visitas para a primeira infância no Memorial Minas Gerais Vale *in* 7º Fórum de Museus, Porto Alegre, 2017.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. **Educação& Realidade**, Porto Alegre, 2016.
CORSARO, William. Interpretative reproduction in childrens peer culture. In: Social psychology quaterly jun. 1992, vol. 55issue 2. (p. 160-177)
FUSARI, Andrea. As crianças e os direitos de cidadania: a cidade como comunidade educadora. **Educação& Sociedade**, n 78, abril de 2002.
LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura *in* **Museu, Educação e cultura: Encontro de crianças e professores com a arte**. Org. LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana(Orgs.) Campinas (SP): Papirus, 2005. (p. 19-55).
MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty& Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
MÜLLER, Fernanda; NUNES, B. F. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 35, p. 659-674, 2014.
PONTY, MERLEAU. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Projeto Educando a cidade para educar.** Mayrce Terezinha Silva Freitas & Viviane de Cassia Maia Trindade, Belo Horizonte: SMED, 2012.
OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**- Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
OSTETTO, Luciana. Educação infantil, Arte e Criação: Ensaios para transver o mundo. Conferência na Rede Municipal de Educação Infantil - SME/Florianópolis, 2008.
SANTOS, Vera Lúcia Bertoni. Experiência Urbana e conhecimento teatral: romper limites e ampliar espaços. **Educação & Sociedade**, n.30, 2005.
SARMENTO, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, (p. 9-34).
TRINDADE, Viviane. A criança e a cidade *in* Educa bh/ Publicação da Rede Municipal de Belo Horizonte/ SMED, 2016.